



## A INTUIÇÃO FENOMENOLÓGICA E SUA APLICAÇÃO À ANÁLISE DA RELIGIÃO EM PAUL TILLICH

PHENOMENOLOGICAL INTUITION AND ITS APPLICATION TO THE  
ANALYSIS OF RELIGION IN PAUL TILICH

*Paulo Sérgio Lopes Gonçalves\**

*Henrique Nilo da Silva\*\**

### RESUMO

Este artigo constitui-se uma análise teórico-bibliográfica da intuição fenomenológica de Paul Tillich em seus textos do período germânico (1919-1925) e estadunidense (1933-1963), principalmente nas obras *Filosofia da Religião* (1925) e *Teologia Sistemática* (1951). Reconhecendo a validade e as limitações do método fenomenológico para os estudos de religião, o teólogo apropriou-se de maneira original da fenomenologia filosófica. Com o objetivo de apresentar e analisar a intuição fenomenológica do autor e sua aplicação à análise da religião, este texto estrutura-se em quatro tópicos, que estão fundamentados em obras primárias e em comentadores de Paul Tillich no âmbito da área 44 (Ciências da Religião e Teologia). Primeiramente, mostrar-se-á como a intuição fenomenológica de Tillich pode ser um método interessante na investigação do fenômeno religioso. Depois, verificar-se-á a determinação tillichiana de religião e sua apropriação da teoria da intencionalidade husserliana no período germânico. Consequentemente, apresentar-se-á os motivos que levaram o teólogo a preferir e criticar o método fenomenológico em sua filosofia da religião. Por fim, destacar-se-á a maneira como o autor pensou sua fenomenologia crítica e aplicou em sua teologia sistemática. Ciente da influência fenomenológica husserliana e heideggeriana no pensamento de Tillich, salienta-se que a fenomenologia presente em suas produções é própria e original. Portanto, ressalta-se que a intuição fenomenológica tillichiana é um método

\* Docente-pesquisador do corpo permanente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP). Doutor em Teologia e Pós-doutor em Filosofia. E-mail: [p\\_aseologo@hotmail.com](mailto:p_aseologo@hotmail.com).

\*\* Mestre em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2021). E-mail: [henriquenilodasilva@gmail.com](mailto:henriquenilodasilva@gmail.com).



consistente e interessante para uma fenomenologia da experiência religiosa nos estudos de religião.

**Palavras-Chave:** Intuição Fenomenológica; Filosofia da Religião; Teologia Sistemática; Paul Tillich.

## **ABSTRACT**

This article is a theoretical-bibliographic analysis of Paul Tillich's phenomenological intuition in his texts in the Germanic period (1919-1925) and the American period (1933-1963), mainly in the works *Philosophy of Religion* (1925) and *Systematic Theology* (1951). Recognizing the validity and limitations of the phenomenological method for studies of religion, the theologian made an original appropriation of philosophical phenomenology. In order to present and analyze the author's phenomenological intuition and its application to the analysis of religion, the text is structured into four topics. These are based on primary works and commentators by Paul Tillich in area 44 (Sciences of Religion and Theology). First, it will be shown how Tillich's phenomenological intuition can be an interesting method in the investigation of the religious phenomenon. Then, it will be verified the tillichian determination of religion and its appropriation of the theory of Husserlian intentionality in the Germanic period. Consequently, the reasons that led the theologian to prefer and criticize the phenomenological method in his philosophy of religion will be presented. Finally, the way in which the author thought about his critical phenomenology and applied it in his systematic theology will be highlighted. Aware of the Husserlian and Heideggerian phenomenological influence on Tillich's thought, it should be noted that the phenomenology present in his productions is unique and original. Therefore, it is noteworthy that the tillichian phenomenological intuition is a consistent and interesting method for a phenomenology of religious experience in religious studies.

**Keywords:** Phenomenological Intuition; Philosophy of Religion; Systematic Theology; Paul Tillich.

## **1 INTRODUÇÃO**

O nosso objetivo, neste artigo, é analisar a intuição fenomenológica que Paul Tillich (1886-1965) aplicou em seus estudos sobre religião. Em diálogo direto com a fenomenologia filosófica, o teólogo desenvolveu uma abordagem fenomenológica própria em sua filosofia e teologia. Esse objetivo é justificável em função do supracitado pensador, a despeito dos limites do método fenomenológico, ter reconhecido sua eficácia tanto em sua filosofia quanto em sua teologia. O fenômeno religioso em sua complexidade e diversidade impõe muitos desafios epistemológicos para nossas pesquisas. Nesse sentido, a ontologia, a epistemologia e a fenomenologia tillichiana constituem-se como contribuição significativa para os

estudos e as pesquisas acerca da experiência religiosa. Para que tal contribuição seja evidenciada, este artigo terá como objeto material os textos *Filosofia da Religião* (1925), *Teologia Sistemática* (1951) e a bibliografia secundária de pesquisas sobre o pensamento de Paul Tillich no âmbito das Ciências da Religião e Teologia.

Para atingir o objetivo proposto, estruturamos este artigo em quatro momentos. No primeiro, mostraremos como a intuição fenomenológica de Tillich pode ser um método adequado na investigação do complexo fenômeno religioso. No segundo momento, verificaremos a determinação tillichiana de religião e sua apropriação da teoria da intencionalidade husserliana na década de 1920. Consequentemente, no terceiro momento, apresentaremos as razões que determinaram a preferência e a crítica do método fenomenológico para a análise da religião na filosofia da religião. Por fim, destacaremos a influência da fenomenologia hermenêutica na sua proposta de uma fenomenologia crítica em sua teologia sistemática. A maneira como o teólogo incorporou a fenomenologia pura e a fenomenologia hermenêutica em sua intuição fenomenológica ou fenomenologia crítica evidencia a grandeza e originalidade do pensamento tillichiano. Portanto, ressalta-se que o método fenomenológico adaptado aos estudos de religião, conforme a designação de Tillich, fundamenta uma ontologia e epistemologia consistentes e interessantes para o desenvolvimento de uma fenomenologia da experiência religiosa.

## **2 A INTUIÇÃO FENOMENOLÓGICA DE PAUL TILlich NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA**

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça, as pesquisas sobre religião rejeitaram as tentativas de definir a religião ou procurar suas origens. Essa renúncia é justificada pelos insucessos anteriores e pela atitude contemporânea de observar as coisas. Uma abordagem fenomenológica apresenta as essências e as formas como fatores inseparáveis. O aumento de pesquisas sobre as formas de religião confirma que a religião não desapareceu nem foi superada por modos dessacralizados de ordenar a vida. Contrariando as predições de seu desaparecimento, a religião ressurgiu sob novas formas. Nesse ponto, a fenomenologia possibilita perceber nas pesquisas acerca das experiências religiosas o que é contingente e o que é necessariamente religioso. Mendonça ressalta que as ciências eidéticas valem *a priori*,

independentemente da experiência, ainda que dela partem. “O conhecimento das essências não é independente da experiência; as ciências eidéticas têm íntima relação com as ciências dos fatos. Toda experiência concreta, do fato concreto, contém uma essência, mas não o contrário” (MENDONÇA, 2011, p. 225). Compreender tanto o elemento essencial quanto o elemento existencial nos conduz à consideração de que boa parte das críticas não são dirigidas à religião enquanto essência. As críticas do século XVIII e XIX eram endereçadas às formas imperfeitas de religião, visto que observavam somente as coisas externas e não alcançavam sua essência. Por isso, Paul Tillich ocupou-se da religião sob o ponto de vista fenomenológico, colocando a essência da religião como um absoluto *a priori*. Religião é essencialmente aquilo que é incondicional. O progresso das Ciências da Religião está subordinado à distinção entre a essência e as formas da religião no âmbito de uma fenomenologia da experiência religiosa. Assim, a proposta é superar a mera descrição das formas mediante a compreensão do sentido, da origem e da transformação da religião (MENDONÇA, 2011).

A espontaneidade fenomenológica de “voltar às coisas mesmas” permite que o sentido do fenômeno se apresente sem preconceitos. Essa famosa expressão da fenomenologia husserliana aponta para uma noção de “essência”, que não significa a coisa como ela é na realidade nem uma apreensão objetiva da natureza. O filósofo Edmund Husserl (1859-1938) buscou um caminho intermediário entre a especulação metafísica e o objetivismo das ciências positivas. Na experiência humana, a coisa se apresenta através da “essência”. Esta corresponde à coisa, mas não deve ser identificada com ela. Considerando que a coisa em si é inacessível, não é possível uma representação mental da coisa em si, mas do fenômeno, do significado e da consciência que temos daquilo que se apresenta. A consciência traz a ideia de vivência intencional, que implica a interdependência entre sujeito e objeto, evidenciada na expressão “consciência-de-alguma-coisa”. Como o olhar para o objeto não é uma apreensão objetiva, mas desvelamento de sentido, salienta-se que, nessa relação, a intencionalidade é produção de sentido. O que é percebido é a essência das coisas; portanto, o fazer fenomenológico não consiste na descrição da coisa em si, mas de seu significado (HUSSERL, 1949).

A dimensão fenomenológica que está presente no pensamento de Paul Tillich não é husserliana nem heideggeriana, pois, na fronteira de ambas, pensou-se em uma fenomenologia crítica que abarcou os elementos intuitivo-descritivo e o crítico-existencial. Embora não tenha sido nem fenomenólogo da religião nem teólogo fenomenológico, Tillich tornou-se um dos precursores do método fenomenológico na teologia.<sup>1</sup> Divergindo de muitos cientistas e teólogos de sua época, procurou fundamentar o que é a religião no sentido originário. Para chegar à essência da religião, desenvolveu uma intuição fenomenológica em franco diálogo com os pressupostos do método husserliano: a volta às coisas mesmas, a descrição da experiência religiosa e a questão da redução eidética. Considerando que o sentido originário da religião não está em formulações teóricas, a religião deve surgir da experiência de cada indivíduo. Após suspender (*epoché*) todos os preconceitos metafísicos e morais e a atitude natural, a essência da religião aparece como uma unidade doadora de sentido. Surge na vivência religiosa, doando-nos o sentido do ser religioso. A redução eidética está na identificação do invariável em toda vivência religiosa, pois, em vez de aparecer em estado puro, a religião emerge com partes estranhas que lhe têm aderido. Com a finalidade de alcançar o fundamento do ser, a descrição fenomenológica mostrou-se satisfatória por não recorrer à metafísica pré-kantiana e às especulações (GOTO, 2004).

Ao pesquisar o fenômeno religioso, é necessário esclarecer o que se entende por “religião”. Apesar de sua complexidade e manifestações diversas, é inevitável uma definição básica e flexível do conceito. Até mesmo as pesquisas com abordagens empíricas assumem um conceito provisório (ideal) para prosseguir com a hipótese da pesquisa. Cientistas, pesquisadores e estudiosos da religião não podem escapar da grande questão: o que é religião ou o que é o fenômeno religioso? A essência da religião deve ser uma preocupação fundamental dos pesquisadores da área 44 da CAPES (Ciências da Religião e Teologia), posto que o fenômeno religioso enquanto “forma” tem uma “substância” que não pode ser ignorada. Para Paul Tillich, a religião, enquanto um dos aspectos do espírito humano, é a substância e o fundamento do

---

<sup>1</sup> Segundo Filoramo e Prandi, a influência da fenomenologia sobre a Teologia e as Ciências da Religião mostrou-se de duas maneiras: por um lado, pela Fenomenologia da Religião, como uma disciplina particular; e por outro lado, como recurso metodológico para disciplinas como filosofia, história, antropologia, psicologia e a própria teologia (FILORAMO & PRANDI, 1999, p. 27-58).

sentido incondicional e a fonte da coragem última. A religião não é algo supranatural e externo ao espírito humano, nem um estágio mitológico do desenvolvimento ou mera criação transitória do espírito. Tillich defendeu que a religião é um dos aspectos do espírito humano, preservando o que havia de verdade na posição teológica e científica de seu tempo.<sup>2</sup> Assim, a religião é tanto “um dos aspectos” do espírito quanto um aspecto “necessário” da vida espiritual, que metaforicamente é designada como “dimensão da profundidade”<sup>3</sup> (incondicionalidade do espírito). Ele também destacou que, na história, a religião tem oscilado entre as funções moral, cognitiva, estética e sentimental. Porém, ao ser reconhecida como dimensão de profundidade, possui seu lugar próprio nas profundezas de todas as funções do espírito. A religião é a substância, o fundamento e a profundidade da vida espiritual de uma situação cultural autônoma ou heterônoma (TILLICH, 2009, p. 39-46).

No texto autobiográfico *Na fronteira*<sup>4</sup> (1966), Tillich explica quais foram as razões que o levaram a considerar a abordagem fenomenológica para os problemas científicos nos estudos de religião. Ele rejeitou tanto o método doutrinário da igreja quanto o método que se volta para os aspectos psicológicos, sociológicos e históricos dos sujeitos da devoção religiosa. O primeiro método é inconsistente, porque o seu material dogmático mutila a ciência e, em contrapartida, a sua autoridade é prejudicada pela ciência. O segundo método é inadequado, porque permanece fechado na subjetividade da consciência religiosa e não alcança imediatamente a substância do ato religioso. Diante disso, Tillich indica a abordagem imediata da intuição fenomenológica como um caminho mais adequado. Isto porque tal abordagem visa a racionalmente isolar e esclarecer o conteúdo presente no ato religioso, sem inclinações para a autoridade ou a consciência religiosa. A finalidade é

---

<sup>2</sup> “Tanto os teólogos como os cientistas críticos, contrários à crença de que a religião seja um dos aspectos do espírito humano, definem a religião como relação humana com seres divinos, cuja existência é afirmada pelos teólogos críticos e negada pelos cientistas. Mas é justamente essa ideia que torna impossível a compreensão da religião. Se começamos argumentando em favor ou contra a existência de Deus, jamais iremos encontrá-lo. Quando afirmamos sua existência, mais difícil será alcançá-lo do que se a negássemos. Qualquer Deus que venha a ser objeto de nossas argumentações a respeito de sua existência ou negação dela, seria apenas uma coisa entre outras no universo” (TILLICH, 2009, p. 41).

<sup>3</sup> “Quando dizemos que a religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Que ponto de vista é esse? É o que parte das profundezas de nossa vida espiritual. A religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade presente em todas as suas funções” (TILLICH, 2009, p. 42).

<sup>4</sup> A versão nacional que utilizamos neste trabalho traduziu a expressão *On the boundary* por *No limite* (TILLICH, 2016). Porém, a expressão *Na fronteira*, além de comunicar melhor o pensamento do autor, é mais aceita entre os pesquisadores brasileiros (CALVANI, 2016).

descobrir o nível de realidade que se pretende com o ato religioso, sem negar a importância da experiência consciente. Ele argumentou que os temas da religião não têm a estrutura de coisas condicionadas por outras coisas que são passíveis de aferição. Por isso, é impossível alcançar a substância da religião através de conclusões tiradas da realidade, ignorando a experiência religiosa como pretendeu o racionalismo. Os métodos que explicam as coisas e os eventos condicionados são inadequados, porque a religião ocupa-se com o incondicional. Assim, a intuição fenomenológica é o método adequado para perceber o sentido do Incondicionado. Direcionado para toda realidade ou uma realidade que desvela sua “preocupação última”, é possível perceber como o sentido incondicional aparece em toda a realidade e quando a realidade se torna transparente no ato religioso. Ademais, Tillich ponderou que a intuição fenomenológica é uma tarefa teórica e não propriamente uma religião. Nessa abordagem intuitiva, o ato religioso é necessário para compreender o sentido da religião, uma vez que abre as profundezas da realidade. A apreensão da realidade através da intuição fenomenológica visa a superar a crença alienada, a realidade sem crença e o abismo entre a crença e a realidade. Desse modo, a realidade que se torna transparente, por meio do ato religioso e da crença, constitui-se uma declaração da realidade que é absolutamente transcendida<sup>5</sup> (TILLICH, 2016, p. 355-359).

Em sua teoria do sentido, fundamental para sua filosofia da religião, Tillich apresenta três elementos da consciência de sentido: i) a consciência de uma inter-relação do sentido, a que pertence cada sentido particular, sem a qual eles não seriam sentidos particulares; ii) a consciência de um sentido último, incondicional, que está presente e concede sentido a cada sentido particular; iii) a necessidade à qual está submetido cada sentido particular de realizar o sentido incondicional (TILLICH, 1970, p. 44). De acordo com Etienne Alfred Higuier, “a totalidade do sentido identifica-se com o mundo, enquanto o sentido absoluto é o fundamento (*Sinngrund*) e abismo inexaurível (*Abgrund*) do sentido”. Destaca-se que esse último se iguala ao “conteúdo substancial de sentido” (*Sinngehalt*) e revela-se uma exigência para um “projeto de realização do

---

<sup>5</sup> Segundo Tillich, a intuição fenomenológica que tem a realidade como o seu tema central deve demonstrar como as coisas transcendem na própria declaração da realidade. Essa profundidade de análise encontra diferentes pontos em que as coisas são transcendidas. Por meio da diferenciação e das multiplicidades dos símbolos religiosos, podemos apreender a realidade do Incondicionado (TILLICH, 2016, p. 359).

sentido” (*Sinnerfüllung*) nos significados culturais (HIGUET, 2011, p. 32)<sup>6</sup>. A compreensão de consciência de sentido está em conexão com a noção fenomenológica de religião como *direcionamento intencional do espírito para o sentido incondicional (Richtung auf das Unbedingte)*<sup>7</sup>. Pensar a divisão sujeito-objeto só é possível porque os sentidos particulares estão fundamentados em um sentido maior e incondicional que os precede, a consciência do incondicional. Segundo o teólogo, “a incondicionalidade do sentido não é por si mesma, entretanto, um sentido, mas o fundamento do sentido” (TILLICH, 1973, p. 44). É importante salientar que, no pensamento tillichiano, o termo “consciência” é compreendido como integridade, ou seja, “o ser humano inteiro, e não apenas sua função cognitiva, tem consciência do incondicionado” (TILLICH, 2009, p. 61). A certeza do incondicional se dá imediatamente na consciência humana, constituindo-se como o fundamento e abismo da experiência de mundo com seu sentido. O incondicional, como categoria filosófica, não deve ser confundido com a ideia de Deus ou outro ser superior. Nos textos da maturidade, Tillich afirma que o incondicional é aquilo que confere ao ente a qualidade de ser ou o poder de ser presente em todas as coisas (TILLICH, 2014).

### **3 O CONCEITO DE RELIGIÃO TILLICHIANO E SUA APROPRIAÇÃO DA INTENTIONALITÄTSTHEORIE**

Em busca da superação do conceito de religião na filosofia da religião, Tillich afirma que “o conceito de religião, na filosofia da religião, destrói aquilo que conceitua” (TILLICH, 1973, p. 118). Nessa afirmação, o teólogo evidencia que há um distanciamento entre as teorias clássicas da religião e a própria religião. Diante dos problemas epistemológicos e da inevitabilidade dos conceitos, sugere que a religião seja interpretada por um conceito superior, que ao seu ver é fundamental, que é o conceito de Incondicional. Esse conceito tem um elemento eterno por ser anterior a todos os conceitos e se manifesta historicamente nas coisas condicionadas. A

---

<sup>6</sup> Primeiro, “uma rede ou universo de sentido na qual cada sentido particular encontra a sua significação”; segundo, “um sentido absoluto presente e eficaz em cada sentido particular”; e terceiro, “a exigência de preencher ou realizar esse sentido absoluto” (HIGUET, 2011, p. 32).

<sup>7</sup> Como veremos a seguir, a tradução e a interpretação do conceito de religião tillichiano adotadas neste artigo baseiam-se no trabalho do pesquisador Fábio Henrique Abreu (2017): “*Richtung auf das Unbedingte*” and “*Self-Transparency*”: *The Foundations of Paul Tillich’s Philosophy of Spirit, Meaning, and Religion* (1919-1925).



conceituação de algo tão complexo como a religião precisa ser um conceito flexível, tanto para uma definição geral como para um sentido singular (TILLICH, 1973, p. 119). Nosso teólogo reformula o conceito de religião à luz do Incondicional em duas etapas (“desconstrutivo” e “construtivo”): o protesto da religião contra o conceito de religião e a superação do conceito de religião (MUELLER, 2006, p. 15). Os quatro protestos tillichianos contra o conceito de religião partem da compreensão de que ele sujeita o Incondicional às formas condicionadas quando o relativiza: i) torna a certeza do Incondicional relativa à certeza do eu; ii) torna Deus relativo ao mundo; iii) torna a religião relativa à cultura<sup>8</sup>; iv) e torna a revelação relativa à história das religiões (TILLICH, 1973, p. 121). Nesses quatro pontos apresentados, é perceptível a tentativa de fundamentar o Incondicional nas coisas condicionadas, porém, nessa perspectiva, o conceito de religião reduz o incondicional às coisas condicionadas. Visando à superação do conceito de religião, Tillich evidencia que a apreensão do Incondicional acontece quando nos voltamos à condicionalidade. Essa não é o próprio fundamento, mas serve de mediação para o desvelamento do fundamento, o Incondicional. Mas como é possível a religião superar o conceito de religião? Baseado em seus protestos, Tillich afirma que: i) a autocerteza do eu (subjetivismo) não é o fundamento da religião, mas sim a certeza do fundamento da realidade; ii) a realidade de Deus não depende da realidade do mundo (anterior à divisão sujeito-objeto), porque o Incondicional não pode ser objetificado; iii) a religião não é uma função do espírito ao lado de outras, mas sim a dimensão de profundidade de todas as funções; iv) a religião não deve ser confundida com suas manifestações concretas na história (substância-forma), assim é preciso distinguir a religião das suas formas concretas (TILLICH, 1973).

A produção intelectual de Paul Tillich no período de 1919 a 1925 chama atenção por elaborar um conceito de religião fundamentado em sua filosofia do espírito e do sentido. Considerando os trabalhos de Fichte, Schelling, Schleiermacher e Troeltsch, Tillich enfatizou a autonomia da religião e sua unidade com a cultura. Para o teólogo,

---

<sup>8</sup> Ainda em sua juventude (1919), Tillich apresentou uma proposta sobre a relação entre religião e cultura que se tornou o trabalho de toda sua vida. Definiu religião como *o direcionamento do espírito para o sentido incondicional* e a cultura como *o direcionamento do espírito para as formas condicionadas* (TILLICH, 1973, p. 61). O título da obra *Teologia da Cultura* (1959) é a abreviação do título da primeira palestra publicada, pronunciada na seção de Berlim da Kant - *Gesellschaft: Über die Idee einer Theologie der Kultur* (1919) - *Sobre a ideia de uma teologia da cultura* (TILLICH, 2009, p. 33).

a divisão entre as duas dimensões da intencionalidade<sup>9</sup> da consciência (religião e cultura) não era possível, visto que as formas concretas postas pelo espírito em sua atividade criativa de sentido é o único veículo de acesso ao incondicional. A filosofia da religião tillichiana pode ser compreendida como uma teologia fundamental ou uma teoria da teologia de linha pós-kantiana. Ou seja, uma teologia da teoria das condições constitutivas da subjetividade individual (a religião como consciência de liberdade). Nessa teoria da consciência noética, a religião é concebida como “uma atitude de direcionamento e intencionalidade da consciência humana em sua busca pelo fundamento último da realidade” (ABREU, 2017, p. 29). A determinação tillichiana de religião como direcionamento *intencional* para o incondicional evidencia a sua apropriação da teoria da intencionalidade (*Intentionalitätstheorie*) de Husserl. Cumpre ressaltar que a estrutura da consciência intencional ou noética na atividade do espírito é parte constituinte da filosofia do espírito, do sentido e da religião. Essa estrutura é imprescindível para compreender como a relação entre religião e cultura é metodologicamente desenvolvida no pensamento do teólogo. A apropriação da teoria da intencionalidade husserliana tem, na teoria do sentido tillichiana, sua própria peculiaridade, visto que a filosofia transcendental tillichiana é precisamente enquadrada na tradição idealista-neokantiana e fenomenológica (ABREU, 2017).

As correspondências com Emanuel Hirsch de 1918 e os textos A superação do conceito de religião na filosofia da religião, de 1922, O sistema das ciências segundo objetivos e métodos, de 1923, e Filosofia da religião, de 1925, foram indispensáveis para a consolidação da teoria do sentido (*Sinntheorie*) que fundamenta metodologicamente tanto o conceito de religião quanto a teologia da cultura. É importante salientar que, somente no texto Sistema das Ciências (1923), o teólogo conseguiu conciliar sua teoria do sentido com sua filosofia do espírito. A natureza paradoxal do espírito na sua filosofia da consciência (*Bewußtseinsphilosophie*) possibilitou a descrição adequada da relação entre a religião e a cultura. Dessa forma, uma interpretação coerente da teologia da cultura (*Kulturtheologie*) baseia-se no

---

<sup>9</sup> Ao tratar dos elementos ontológicos de dinâmica e forma, Tillich faz menção ao conceito de intencionalidade. Este conceito fenomenológico significa “estar relacionado com as estruturas significativas, viver nos universais, apreender e configurar a realidade” (TILLICH, 2014, p. 190). Dito de outro modo, é o direcionamento intencional da razão subjetiva humana. No sistema tillichiano, a intencionalidade e vitalidade são interdependentes, constituintes da experiência de apreensão e configuração da realidade, apesar de permanecerem em tensão correlativa. A intencionalidade é o elemento que direciona a vitalidade, e a vitalidade é o elemento dinâmico de pulsão e criação (TILLICH, 2014).

fundamento filosófico desenvolvido nos anos vinte do século passado (ABREU, 2017). Segundo Christian Danz, “se olhamos à volta do Sistema das Ciências e da Filosofia da Religião para as determinações do espírito, ficamos imediatamente impressionados com a estreita ligação entre o conceito de espírito e o conceito de sentido”<sup>10</sup> (DANZ, 2011, p. 216). Desse modo, fica claro que a teologia da cultura depende da forma específica (Gestalt) em seus elementos estruturais totalmente desenvolvidos no programa filosófico de Tillich (1919-1925). Tanto os conceitos religião e cultura quanto a inter-relação entre ambos estão interligados à estrutura fundamental da filosofia da consciência e da teoria do sentido. Sendo assim, toda interpretação que se distancia da natureza fundamental da teoria do sentido da filosofia do espírito (sinntheoretischen Geistesphilosophie) distorce ou torna indecifrável a proposição da teologia da cultura (DANZ, 2011).

Para Paul Tillich, a religião é uma atitude de direcionamento e intencionalidade da consciência humana em sua procura pelo fundamento último da realidade. Esse conceito de religião está interligado e inter-relacionado com o conceito de cultura, pois a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Como a religião é direcionamento para o incondicional e a cultura é o direcionamento para o condicional, o caráter da intencionalidade nesse conceito de religião só pode ser apreendido mediante a teoria do sentido e a filosofia do espírito. A evidência que a essência da religião é “uma atitude intencional de consciência” está nos três elementos constituintes de toda “consciência de sentido” (*Sinnbewußtsein*) ou consciência realizadora de sentido. A grosso modo, pode ser descrito como consciência de sentido particular, consciência de sentido absoluto e exigência de realizar o sentido absoluto (ABREU, 2017, p. 32). Esses três elementos da consciência são decifráveis nos seguintes aspectos: o primeiro é que “existe a consciência do contexto ou estrutura interconectada de sentido (*Sinnzusammenhanges*), a partir da qual o sentido é estabelecido e sem a qual o sentido seria perdido” (ABREU, 2017, p. 33); o segundo consiste em constatar a existência da “consciência da significância (*Sinnhaftigkeit*) da própria estrutura interconectada de sentido, isto é, a consciência de um sentido incondicionado (*einen*

---

<sup>10</sup> DANZ, C. Die Religion in der Kultur. Karl Barth und Paul Tillich über die Grundlagen einer Theologie der Kultur, 2011 p. 216: “Blickt man sich in dem Wissenschaftssystem und in der Religionsphilosophie nach Bestimmungen des Geistes um, dann fällt sofort die enge Verbindung von Geist- und Sinnbegriff auf”.

*unbedingt Sinn*) que está presente em todos sentidos particulares” (ABREU, 2017, p. 33); o terceiro é que “existe a consciência de uma reivindicação sob a qual todo sentido particular permanece, ou seja, a reivindicação de cumprir o sentido incondicional (*Sinn zu den unbedingten erfüllen*)” (ABREU, 2017, p. 33). Portanto, os sentidos particulares sempre dependem da interconexão de sentido que estão alicerçados na dimensão incondicional da realidade e que exige ou reivindica a realização. Nessa demanda de realização, é notória a dimensão fenomenológica do caráter “intencional da consciência” na filosofia da religião tillichiana. Essa dimensão fenomenológica no pensamento de Tillich precisa ser examinada em consonância com a sua filosofia do espírito, uma vez que uma dimensão fenomenológica não é um fundamento fenomenológico (ABREU, 2017).

Seguindo a noção husserliana de que toda consciência é consciência de alguma coisa, Tillich sustenta que também é possível estar consciente do sentido incondicional, como um sentido percebido na realidade do mundo da vida. O sentido incondicional não deve ser compreendido como um ser absoluto ou uma realidade externa ao ser humano, posto que se trata de um mistério inesgotável do real que é percebido pela própria consciência. As categorias fenomenológicas “direcionamento” e “visar” no pensamento tillichiano permitem identificar os contornos da teoria da intencionalidade na fundamentação do conceito de religião. Desse modo, tornou-se claro que a experiência religiosa para o teólogo se caracteriza como um ato intencional de visar ao sentido incondicional por meio de alguma esfera presente na realidade. Nesses termos, a religião é possível somente mediante a cultura ou através das formas concretas postas pelo espírito em sua criatividade no mundo da vida. De maneira análoga, toda forma cultural possui o poder de ser mediadora de um sentido incondicional. Como não é possível falar sobre o incondicional sem objetificá-lo e como não existe expressão cultural que não possa se tornar mediadora de um sentido incondicional, Tillich emprega as categorias semânticas de “forma” e “substância”, as quais auxiliam a compreensão da dinâmica relacional entre religião e cultura. Logo, a religião como experiência do incondicionado está para a substância como a cultura está para a forma. Por conseguinte, toda expressão cultural é substancialmente religiosa por possuir o poder de expressar o sentido incondicional. Do mesmo modo, toda expressão religiosa é formalmente cultural por utilizar as formas concretas para expressar o incondicional. Estamos diante da religião quando a intencionalidade da

consciência se volta para a substância e estamos diante da cultura quando a consciência se volta para a forma. O caráter cultural ou religioso é determinado pelo direcionamento subjetivo da consciência intencional. Para o teólogo, existem dois estados da intencionalidade da consciência, um que se direciona à forma e outro à substância. Uma mesma esfera da realidade pode ter um sentido religioso e um sentido cultural. Consequentemente, a cultura e a religião não podem ser compreendidas separadamente em razão de constituírem dimensões codependentes. Compete à teologia da cultura a consideração de ambos os polos dessa relação: o conteúdo concreto das expressões culturais e a consciência imediata do incondicional como a substância pressuposta. A demarcação conceitual da maneira como religião e cultura se relacionam a partir do direcionamento da consciência subjetiva, bem como a importância que essa teoria teve para o desenvolvimento de uma teologia da cultura, apresentou-se como os resultados ou as implicações de um desenvolvimento de uma teoria da consciência intencional no pensamento tillichiano, que é oriunda de seu contato com a fenomenologia husserliana (KELM, 2018).

#### **4 PREFERÊNCIA E CRÍTICA AO MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA *FILOSOFIA DA RELIGIÃO***

A religião enquanto fenômeno é um objeto de investigação da filosofia da religião e precisa ser delineada como um objeto da filosofia para não ser confundida com a abordagem de outras disciplinas. Divergindo da psicologia, sociologia, antropologia e teologia, a filosofia investiga o sentido da religião no conjunto de ações criativas do espírito humano em determinada cultura. A filosofia da religião tillichiana é uma das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) ou das ciências culturais (*Kulturwissenschaften*) cuja função primordial é estabelecer essencialmente o que é religião, constituindo-se em uma síntese criativa e generalizadora daquilo que pode ser considerado como válido em matéria de religião. Em *Filosofia da religião* (1925), Paul Tillich discorre em quatro capítulos sobre os seguintes assuntos: o tema e o método da filosofia da religião; a discussão acerca da essência da religião e suas categorias; a evolução do conceito de religião na filosofia da religião; e a discussão sobre a ideia de uma teologia da cultura. Ele apresentou as vantagens e as desvantagens dos métodos: crítico-dialético (Kant e neokantismo); fenomenológico

(Husserl e Max Scheler); pragmático; e metalógico. O método desenvolvido por Tillich compreende que uma abordagem da consciência e da religião não pode ser nem puramente crítica nem puramente lógica. A metalogia está na interface entre essas duas abordagens, mas, ao mesmo tempo, para além de ambas. Buscando corrigir a ausência de percepção do elemento dinâmico no método fenomenológico, Tillich incorporou o método pragmático, que nega o caráter estático dos fenômenos e reconhece o conceito como a manipulação do objeto. Assim, o conceito como correlato da essência considera o caráter dinâmico dos fenômenos históricos (TILLICH, 1973). Segundo Higuete, o método metalógico passou por um processo de maturação em três textos da década de 1920. Encontram-se as raízes da reflexão metodológica tillichiana nos textos *A superação do conceito de religião na filosofia da religião* (1922), *Sistema das ciências segundo métodos e objetos* (1923) e *Filosofia da religião* (1925). Nesses, Tillich apresenta o método metalógico como uma superação sem supressão, pelo caminho da unidade, de outros métodos de conhecimento: no artigo de 1922, o método crítico e o método intuitivo juntam-se para formar o método crítico-intuitivo ou paradoxal; no *Sistema das Ciências* de 1923, o método crítico e o método fenomenológico desembocam no método metalógico, que é próprio da filosofia e das ciências do espírito ou da cultura. Enfim, na *Filosofia da religião* de 1925, o método crítico-dialético é ampliado a partir do pragmatismo e da fenomenologia, para constituir o método metalógico, o mais adequado ao objeto religioso (HIGUETE, 2011).

No contexto das ciências do espírito e entendendo que as expressões religiosas escapam às expressões lógicas disponíveis ao investigador, Tillich sugere às ciências imbuídas com os estudos da religião a adequação da metodologia metalógica às suas práticas teóricas. Isso porque a procura pela interpretação e compreensão das expressões da religião visa a atender às pretensões de validade que podem ficar restritas a um jogo específico de linguagem ou de uma lógica de recepção interpretante. Por isso, Tillich apresenta a pertinência do método metalógico, que responde à questão da verdade da religião ao apreender metalogicamente a essência da religião como orientação para o sentido incondicionado. Essa predileção pelo método fenomenológico em estudos religiosos se dá pela superação do caráter racional e formal do *a priori* crítico, estabelecendo, como *a priori*, a própria essência apreendida na vivência. A partir da ótica de Edmund Husserl, o teólogo observa a

fenomenologia como um método que busca a essência dos fenômenos (TILLICH, 1973).

Segundo o método fenomenológico, a filosofia da religião, portanto, seria capaz de intuir eideticamente a essência e as qualidades peculiares da religião em qualquer manifestação religiosa. Tal intuição será independente da realidade empírica do objeto e possuirá, contudo, um *a priori* de rico conteúdo não meramente formal (TILLICH, 1973, p. 29).

Embora tenha demonstrado sua preferência pelo método fenomenológico,<sup>11</sup> Tillich observou que, na fenomenologia, a relação entre essência e existência é problemática. No período germânico, sua principal objeção era o caráter não histórico e antiexistencial da fenomenologia. Ele acreditava que, na fenomenologia pura, a essência é privilegiada em detrimento da existência ou por não possuir meios de captar o caráter criativo único do evento histórico (GOTO, 2004, p. 117).

A questão da existência no desenvolvimento intelectual de Husserl, nos textos *Investigações Lógicas - Prolegômenos à Lógica Pura* (1900-1901) e *Ideias relativas a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* (1913), está encoberta, justificando, desse modo, a posição crítica de Tillich em relação à fenomenologia pura na década de 1920. No pensamento de Husserl, os fenômenos puros que se mostram à consciência são denominados como *eidos* ou essências puras. A fenomenologia husserliana visa a alcançar a “essência” pela aplicação da *redução eidética*.<sup>12</sup> Essa não implica a negação do mundo exterior ou da existência, antes coloca “entre parênteses” as coisas do mundo em uma suspensão radical que pretende os fenômenos puros. Considerando que a existência e a essência estão interligadas, a questão da existência não é negada nem desconsiderada na perspectiva da fenomenologia pura. Enquanto a filosofia da existência (existencialismo) explicita a questão da existência, a fenomenologia (vista pelos críticos como “filosofia da essência”) trata a existência de maneira implícita, sem confundi-la com a existência fática da atitude natural. A suspensão da realidade concreta do objeto faz parte do

---

<sup>11</sup> “Se alguém tiver que escolher entre o método crítico e o fenomenológico, a fenomenologia, sem dúvida, seria preferível, pelo menos na filosofia da religião. Ela é capaz de aproximar-se do objeto verdadeiro da investigação de modo muito mais vital que o método crítico-dialético” (TILLICH, 1973, p. 29).

<sup>12</sup> “‘Reduzir’ significa apenas coarctar a atitude reflexiva a este aspecto verdadeiro, em que a coisa se mostra na sua idealidade, como puramente significada. A redução que leva ao ‘idealismo transcendental fenomenológico’, sem negar o realismo, pretende desfrutar das vantagens do idealismo, levando-nos à coisa na sua pura idealidade” (FRAGATA apud GOTO, 2004, p. 116).

método fenomenológico, porque a existência concreta não deve sobrepujar o seu significado. A crítica tillichiana à fenomenologia pura referente à questão da essência e da existência pode ser resumida na ausência de dinâmica na apreensão fenomenológica das essências e no distanciamento entre o universal e o particular. A grande questão é que a essência se relaciona com o objeto, isto é, a essência do objeto está na experiência e não no objeto. Apesar de o olhar fenomenológico ser questionável, a experiência da essência é considerada inquestionável na fenomenologia. Independentemente da realidade, aquilo que aparece na experiência é um dado fenomenológico. Embora a crítica do teólogo aponte para os limites da fenomenologia em relação ao fluxo individual e histórico, também evidencia que é um método eficiente na captação das essências em termos de generalidade e universalidade. A preocupação do teólogo em relação ao método fenomenológico foi a preeminência da essência concernente à existência. Nessa perspectiva, a fenomenologia perde a concreticidade existencial por voltar-se para a essência pura.<sup>13</sup> Por essa razão, Tillich expôs o método pragmático como aperfeiçoamento de sua intuição fenomenológica em seu método metalógico<sup>14</sup> (GOTO, 2004).

No sentido amplamente fenomenológico, as críticas feitas por Tillich têm sua razão de ser. Em relação ao sentido estritamente fenomenológico, as críticas do teólogo não desconsideraram os preconceitos da história da filosofia. Se o teólogo tivesse uma atitude rigorosa com tais preconceitos, poderíamos compreender melhor o limite e a incompletude do método. Apesar de conhecer razoavelmente a fenomenologia husserliana, a crítica de Tillich não pode ser decisiva. Isto porque o conceito de “mundo-da-vida” (*Lebenswelt*), que apareceu em 1935 na palestra sobre *A filosofia na crise da humanidade europeia e A crise das ciências europeias e a fenomenologia*, era desconhecido da crítica tillichiana no texto *Filosofia da religião* (1925). Tillich

---

<sup>13</sup> Para Tillich, a confiança demasiada e exclusiva no método fenomenológico levou Rudolf Otto a conceber a religião como uma esfera separada e totalmente isolada das funções do espírito ou cultura. Entrementes, Tillich concebe a religião como uma atitude de espírito (*ein Verhalten des Geistes*) que associa elementos teóricos, práticos e intuitivo-emocionais (*Gefühlsmäßiges*) em uma complexa unidade (*komplexer Einheit*). Portanto, na perspectiva tillichiana, a religião não é meramente uma função teórica, prática ou intuitivo-emocional isolada, mas também uma função da unidade simbólica de cada uma delas. Em contraposição a uma abordagem estritamente fenomenológica e à concepção supranaturalista, a religião é concebida como um *direcionamento intencional ou noético da consciência para o incondicional*. Essa determinação filosófica para a essência da religião visou a superar o conflito existente entre a religião e a autonomia da cultura moderna (ABREU, 2017).

<sup>14</sup> “A crítica do método fenomenológico a partir do caráter criativo individual dos fenômenos históricos nos obriga a definir a nossa posição em face do método que afirma o indivíduo ao reencontrar o universal” (TILLICH, 1973, p. 30).



reconheceu que a fenomenologia é um método interessante para a filosofia da religião e a teologia sistemática, visto que é possível alcançar o significado da experiência religiosa e dos conteúdos da tradição cristã. Entretanto, ele mantém suas críticas por entender que o método fenomenológico, diante da diversidade religiosa, pode não dar conta das realidades concretas. O pensamento tillichiano parte de uma intuição essencial da religião, a noção de “substância da cultura” ou da “dimensão de profundidade”, que não está desvinculada de suas formas concretas. Nos textos da juventude, Tillich expõe a ideia de que é possível fazer a experiência da essência de algo, porém essa essência sempre se dá na existência (BALEIRO, 2017).

A compreensão da intuição fenomenológica presente no conceito de religião tillichiano exige uma leitura atenta dos textos dos períodos germânico e estadunidense, principalmente *Filosofia da Religião* (1925) e *Teologia Sistemática* (1951). A noção de incondicionalidade presente em Kant, Fichte e Schelling foi desenvolvida nas obras da juventude de Tillich (1905-1912). Embora o emprego do termo “Incondicionado” como descrição da autoconsciência não tenha explicações exaustivas nas obras da maturidade (1933-1963), seu esclarecimento é essencial para compreendermos a abordagem fenomenológica do conceito de religião tillichiano. Os termos “último”, “incondicional” e “infinito” são correlatos e apontam para a ultimidade da preocupação que torna preliminares todas as outras preocupações, visto que “aquilo que é último só se dá a si mesmo na atitude de uma preocupação última” (TILLICH, 2014, p. 29). Portanto, religião é a dimensão de profundidade do espírito ou a “preocupação última” (*Ultimate Concern*). Esse fundamento das funções do espírito não pode ser posto ao lado da moral, do conhecimento, da estética e do sentimento. A metáfora da “profundidade”<sup>15</sup> explica que “a dimensão religiosa aponta para aquele momento da vida do espírito humano que é último, infinito, incondicional”. A religião “é aquilo que nos toca incondicionalmente” e que empresta profundidade a “todas as funções criadoras do espírito humano” (TILLICH, 1970, p. 31). É o elemento necessário da

---

<sup>15</sup> Para Tillich, a religião é um dos aspectos necessários do espírito humano. Assim, a religião não consiste em uma função especial como a moral, o conhecimento, a estética e o sentimento. A religião não é um dos aspectos especiais do espírito, mas é a dimensão de profundidade presente em todas as funções. Há duas noções de religião que estão em oposição: uma que compreende a religião como um fenômeno externo ao ser humano (algo que vem de fora); e outra que compreende a religião como um fenômeno interno no ser humano (uma criação cultural passageira). Ambas as noções “definem a religião como relação humana com seres divinos” (TILLICH, 2009, p. 41). No entanto, a primeira noção afirma a existência desses seres, enquanto a segunda noção nega (TILLICH, 2009).

vida que vai além das diversas manifestações concretas. Esse conceito<sup>16</sup> articula-se com a vivência religiosa em sua determinação de fé no texto *Dinâmica da Fé* (1957). Nesse, sustentou que fé não é apenas crença, vontade ou sentimento, mas “estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente, que é um ato da pessoa inteira” (TILLICH, 1985, p. 5). A compreensão tillichiana de religião e fé está concatenada no conceito de preocupação incondicional, no qual a religião é preocupação última e a fé é o estado de preocupação última. “Se abstrairmos o conceito de religião do grande mandamento, poderemos dizer que religião significa preocupação última com aquilo que nos preocupa em última análise. Fé, então, é o estado em que somos tomados pela preocupação última, e Deus é seu nome e conteúdo” (TILLICH, 2009, p. 81).

## **5 A FENOMENOLOGIA CRÍTICA APLICADA À ANÁLISE DA RELIGIÃO NA TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

Desde 1920, a fenomenologia vem acompanhando o desenvolvimento intelectual nos textos de Paul Tillich. A partir da fenomenologia filosófica, ele incorporou sua intuição fenomenológica à sua metodologia. Como um pensador de fronteiras e mediação, a fenomenologia não era o método exclusivo de investigação em seus textos teológicos e filosóficos. Tillich preocupou-se em mostrar a importância da intuição e da aplicação da *redução eidética* nos conceitos teológicos. Elogiou a fenomenologia como um método eficaz na descrição rigorosa da essência de um fenômeno. Apropriou-se do conceito de *intencionalidade*<sup>17</sup> e o desenvolveu no âmbito de sua teologia como um conceito polar com outras dimensões da subjetividade. Portanto, a intuição fenomenológica de Tillich é baseada inicialmente na fenomenologia husserliana e, em seguida, na fenomenologia heideggeriana (hermenêutica). Em 1925, com sua estadia em Marburg, Paul Tillich teve contato com o filósofo Martin Heidegger (1889-1976). Embora a publicação de *Ser e Tempo* tenha se dado em 1927, o clima da

---

<sup>16</sup> Cleber Baleeiro ressalta que o conceito de religião tillichiano é criticado por seu “caráter generalista” e sua “cosmovisão cristã”. Na primeira, a experiência religiosa concreta perde seu significado e, na última, o Deus cristão é o sentido último para as ações humanas (BALEIRO, 2017, p. 33).

<sup>17</sup> “Propomos, pois, o uso do termo ‘intencionalidade’, que significa estar relacionado com as estruturas significativas, viver nos universais, apreender e configurar a realidade. Nesse contexto, ‘intenção’ não significa a vontade de agir para alcançar um propósito; significa viver em tensão com (e para) algo objetivamente válido. A dinâmica do ser humano, sua vitalidade criativa, não é uma atividade sem direção, caótica, autossuficiente. É uma atividade direcionada, formada; ela se transcende a si mesma na direção de conteúdos significativos. A vitalidade como tal e a intencionalidade como tal não existem. Elas são interdependentes, como os outros elementos polares” (TILLICH, 2014, p.189, 190).

fenomenologia-hermenêutica estava presente em Marburg.<sup>18</sup> Nos escritos sobre a fenomenologia religiosa e a conferência *Fenomenologia e Teologia* (1927)<sup>19</sup>, a fenomenologia heideggeriana trouxe uma mudança significativa tanto para a filosofia quanto para a teologia contemporânea. Com a “desconstrução” da teologia pela ontologia fundamental de Heidegger, pensadores como Rudolf Bultmann (1884-1976) e Paul Tillich representaram direta ou indiretamente a ontologia fundamental. Evidentemente que Bultmann foi o mais influenciado pelo pensamento heideggeriano, utilizando as categorias existenciais da ontologia fundamental na descrição da experiência religiosa e na interpretação do Novo Testamento. O que para o filósofo era uma crítica à metafísica, para o teólogo tornou-se a *desmitologização*.<sup>20</sup> Por outro lado, Tillich não é um representante direto da fenomenologia-hermenêutica, embora seus conceitos teológicos sejam fundamentados ontologicamente. Cumpre ressaltar que, no pensamento tillichiano, a ontologia é uma doutrina da possibilidade da experiência<sup>21</sup> (GOTO, 2004).

Tillich se aproxima do existencialismo à medida que supõe que o ser só pode ser compreendido por uma análise da existência humana. Porém, afasta-se do existencialismo quando procede da análise da existência à essência, extraindo o âmbito da essencialidade como a universalidade do homem. O teólogo se aproxima metodologicamente de Heidegger por encontrar no ser humano o ponto de partida formal para um conhecimento do ser em geral. Tillich e Heidegger observam que, no existencial humano, há tanto uma “autoconsciência” quanto uma “compreensão” de sua relação com o ser. Ademais, a experiência interna da autoconsciência é descrita

---

<sup>18</sup> É preciso recordar que, no período de 1920-21, Heidegger ministrou as lições da Fenomenologia da vida religiosa, concentrando na conceituação acerca da fenomenologia da religião e da interpretação da experiência religiosa presentes em algumas cartas paulinas e no livro X das Confissões de Agostinho (HEIDEGGER, 1995a). Nesse mesmo período, dedicou-se a desenvolver uma fenomenologia da facticidade da vida em perspectiva hermenêutica, culminando em uma fenomenologia hermenêutica da facticidade (HEIDEGGER, 1995b).

<sup>19</sup> Essa conferência fora ministrada no clima de *Ser e Tempo*, em que Heidegger deu o salto da fenomenologia hermenêutica da facticidade para uma ontologia fundamental hermenêutica, que recupera a pergunta que deveria ter sido respondida pela metafísica – O que é o ser? – e desenvolve como analítica existencial, pela qual se afirma a transcendência ek-stática horizontal do *Ser aí* – Dasein – *identificado com o homem*. Desse modo, o autor relaciona fenomenologia ou propriamente filosofia com a teologia, considerando a perspectiva de pensar filosoficamente a identidade da teologia como ciência ôntica e sua respectiva contribuição à existência humana (HEIDEGGER, 2008, p. 56-88).

<sup>20</sup> “A este método de interpretação do Novo Testamento que trata de redescobrir seu significado mais profundo, oculto atrás das concepções mitológicas, eu o chamo de *desmitologização* - termo que não deixa de ser muito insatisfatório. Não se propõe eliminar os enunciados mitológicos, senão interpretá-los. É, pois, um método hermenêutico” (BULTMANN, 2000, p. 16).

<sup>21</sup> “A verdade de todos os conceitos ontológicos é seu poder de expressar aquilo que torna possível a estrutura sujeito-objeto” (TILLICH, 2014, p. 179).

por Heidegger como “a experiência do nada” e, por Tillich, como “a ameaça do não ser”. De acordo com Herbert Spiegelberg (1965)<sup>22</sup>, os pensadores Paul Tillich, Rudolf Bultmann, Hans-Georg Gadamer e Helmuth Kuhn foram representantes da fenomenologia-hermenêutica de Marburg (1923-1928) e Freiburg in Breisgau (após 1928), sob a orientação de Martin Heidegger. Em seu período estadunidense, Tillich construiu uma ontologia anterior à epistemologia, em que as estruturas do ser foram alcançadas pelo método fenomenológico. Os conceitos ontológicos determinam a natureza da experiência, uma vez que estão presentes toda vez que alguém experimenta algo. Em toda experiência efetiva, os conceitos pressupostos, que constituem a própria estrutura da experiência, são *a priori*. A experiência individual deve possuir o caráter universal apriorístico. Em outras palavras, as condições da experiência são *a priori* porque ela está ontologicamente fundada. A ontologia tillichiana é fenomenológica por apresentar a noção de que o ser é a base de todas as coisas e por utilizar a *redução eidética* com o objetivo de alcançar o sentido último do ser<sup>23</sup> (GOTO, 2004).

Na obra *Teologia Sistemática* (1951), a fenomenologia é o método de investigação que analisa e valida os conceitos teológicos. Essa fenomenologia que está presente na teologia americana mostra que tanto a fenomenologia husserliana quanto a fenomenologia heideggeriana foram incorporadas. Tillich afirmou que o método fenomenológico, enquanto descrição dos fenômenos na apreensão do sentido do fenômeno, é eficaz para analisar o sentido da revelação e desenvolver os conceitos teológicos. Ele reconheceu que o método fenomenológico descreve os sentidos sem considerar a realidade a que se refere. Com a descrição fenomenológica, é possível manter rigorosamente a validade daquilo que está sendo evidenciado (o significado do fenômeno). Ao considerar a teologia uma ciência normativa, com conceitos vagos e infundados, Tillich viu a necessidade de a teologia ser uma ciência descritiva. A experiência é o ponto de partida da questão ontológica e das condições de recepção da revelação. Se a revelação parte da experiência individual, é necessário analisá-la de maneira estritamente fenomenológica. Essa abordagem deve ser aplicada em

---

<sup>22</sup> SPIEGELBERG, Herbert. *The Phenomenological Movement - a historical introduction*. Netherlands: Martinus Nijhoff/The Hague, 1965 (Apud GOTO, 2004).

<sup>23</sup> “A ontologia é possível porque existem conceitos que são menos universais do que o ser, porém mais universais do que qualquer conceito ôntico, isto é, são mais universais do que todo conceito que designa uma esfera de seres. Esses conceitos foram chamados ‘princípios’, ‘categorias’ ou ‘noções últimas’” (TILLICH, 2014, p. 174).

todos os conceitos básicos da teologia. A proposta é fundamentar, a partir do sentido originário, aquilo que é dado pela revelação e interpretado pela teologia (TILLICH, 2014). Concernente ao estudo da revelação, o teólogo mostrou a limitação do método fenomenológico ao argumentar:

Contudo, o método fenomenológico deixa sem resposta uma questão que é decisiva para sua validade. Onde e para quem se revela uma ideia? O fenomenólogo responde: tome como exemplo um evento revelatório típico e veja nele e através dele o sentido universal de revelação. Esta resposta se mostra insuficiente tão logo a intuição fenomenológica se depare com exemplos diferentes e talvez contraditórios de revelação. Que critério deve determinar a escolha de um exemplo? A fenomenologia não pode responder a esta pergunta. Isso indica que a fenomenologia, embora seja competente no âmbito das significações lógicas, que são o objeto das pesquisas originais de Husserl, o inventor do método fenomenológico, é só parcialmente competente no âmbito das realidades espirituais, como a religião (TILLICH, 2014, p. 119, 120).

Segundo Tillich, a teologia não deve limitar-se ao âmbito do universal-formal (invariante-universal) como pretende a fenomenologia da religião. Para distinguir metodologicamente a teologia da fenomenologia da religião, o teólogo desenvolveu sua fenomenologia crítica.<sup>24</sup> No retorno ao originário de um fenômeno, a fenomenologia pode rigorosamente avaliar e fundamentar os conceitos teológicos. No

---

<sup>24</sup> Para Tillich, todos os conceitos básicos empregados na teologia devem conter uma abordagem fenomenológica. O teólogo aponta que não é possível evitar a presença da essência nas variedades das formas. A essência da árvore é perceptível nos diversos tipos de árvores, inclusive em desenhos e fotos. Não haveria árvores se não existisse a estrutura da “arvoridade” eternamente, mesmo antes da existência das árvores, e também depois que as árvores entram na existência. O mesmo se pode dizer a respeito do homem. A essência do homem é eternamente dada antes de seu aparecimento na Terra. É dada potencialmente ou essencialmente, e não existencialmente ou de fato. Estamos num ponto decisivo do pensamento (TILLICH, 1999, p. 165). Cada exemplo individual manifesta a essência, e a essência se dá nas variedades. Entretanto, quando tratou dos métodos da filosofia da religião, Tillich identificou que, concernente às religiões, muitas vezes aponta-se para coisas diferentes e contraditórias. Diante dessa problemática, concluiu-se que uma fenomenologia pura seria insuficiente, devido ao destaque que daria a uma determinada religião em detrimento de outras ou a uma conceitualização que não corresponderia com a diversidade das formas concretas. Ele entendeu que o método fenomenológico é parcialmente competente para as realidades espirituais e religiosas. Em sua fenomenologia, o teólogo inclui um elemento crítico que serve como critério. Partindo da teologia cristã, ele estabelece o evento revelatório único, isto é, o evento Jesus enquanto Cristo. Salientamos que a concepção de cristianismo ou mensagem cristã na sistemática tillichiana é distinta da ortodoxia católica e protestante. Isto porque nega a relevância do Jesus histórico para a compreensão do Cristo da fé. Entende que a fé verdadeira e legítima não precisa de apoio da pesquisa histórica. Em sua teologia antissobrenaturalista, rejeita a compreensão literal da encarnação, do nascimento virginal, dos milagres e da divindade de Jesus. Consequentemente, a compreensão literal dos símbolos religiosos é uma forma de idolatria (TILLICH, 2009). Dessa forma, o símbolo da cruz de Cristo ou o Novo Ser em Jesus como o Cristo é um paradoxo de afirmação e negação. É afirmação porque simbolicamente aponta para aquilo que nos toca incondicionalmente, sendo a completa transparência do fundamento do ser naquele que é o portador da revelação final. Simultaneamente, é negação por não pretender ser o incondicionado, mas a expressão limitada e indireta daquilo que é inexprimível. Em outras palavras, é o completo autossacrifício (*Kenosis*) do meio ao conteúdo da revelação (TILLICH, 2014).

encontro dos invariantes nas diferentes descrições, o fenômeno é intuído diretamente e nos conduz à inteligibilidade das essências. O método fenomenológico é adequado na averiguação dos conceitos por captar com rigor a essência do que existe em sua singularidade. No estudo dos conteúdos universais, o método fenomenológico oferece uma rigorosa descrição do fundamento daquilo que descrevemos. Porém, a descrição da essência enquanto lógica-formal é parcialmente eficaz para as realidades teológicas (Revelação e Deus), posto que ignora o elemento particular e existencial. Com a finalidade de aperfeiçoar a fenomenologia pura com seu elemento intuitivo-descritivo, Tillich incluiu em sua fenomenologia crítica o elemento existencial-crítico.<sup>25</sup> Essa incorporação pretendia encontrar particularidades únicas no universal, posto que o caráter concreto e único de um fenômeno só pode ser explicitado pelo elemento existencial-crítico (TILLICH, 2014).

Portanto, na fenomenologia crítica, os elementos intuitivo-descritivo e o existencial-crítico constituem dois momentos correlatos. No caso da revelação, primeiramente analisa-se a revelação no seu sentido universal e, conseqüentemente, verifica-se o sentido concreto e único da revelação. A correlação desses dois momentos se dá na tensão entre a descrição do conteúdo universal (lógica-formal) e a elucidação da concretude com suas particularidades. Por um lado, o polo intuitivo-descritivo nos leva a perceber a revelação no sentido especulativo (categórico) no instante da apreensão essencial do fenômeno, em que os aspectos concretos são privados e a revelação é reduzida a uma generalidade vazia. Por outro lado, o polo existencial-crítico nos conduz à compreensão da revelação na concretude e experiência, ressaltando os conteúdos particulares e únicos da revelação.<sup>26</sup> Para o teólogo, “a fenomenologia crítica é o método mais adequado para fornecer uma descrição normativa dos significados espirituais (e também Espirituais). A teologia deve usá-la ao tratar de cada

---

<sup>25</sup> “Esta fenomenologia crítica que Tillich propôs pode ser encontrada também no existencialismo, que, além de reconhecer o aspecto ontológico da existência, também viu a exigência de chegar à radicalidade da existência concreta” (GOTO, 2004, p. 128).

<sup>26</sup> “A revelação, como revelação do mistério que é nossa preocupação última, é invariavelmente revelação para alguém em uma situação concreta de preocupação. Isto está claramente indicado em todos os eventos que tradicionalmente foram caracterizados como reveladores. Não há uma revelação ‘em geral’ (*Offenbarung überhaupt*). A revelação se apodera de um indivíduo ou de um grupo, geralmente de um grupo através de um indivíduo; ela só tem poder revelador nesta correlação. Revelações recebidas fora da situação concreta só podem ser apreendidas como relatos sobre revelações que outros grupos afirmam haver recebido. O conhecimento de tais relatos, e mesmo uma aguda compreensão dos mesmos, não os torna reveladores para quem não pertence ao grupo que foi tomado pela revelação. Não há revelação se não houver alguém que a receba como sua preocupação última” (TILLICH, 2014, p. 123,124).

um de seus conceitos básicos” (TILLICH, 2014, p. 121). Com o método fenomenológico crítico, podemos observar as limitações dos conceitos teológicos que ignoram a experiência concreta e situacional. Procurando superar a generalização de natureza especulativa e não descritiva, o teólogo estabeleceu, através de sua fenomenologia, a revelação no sentido originário e incondicional. A revelação precede a razão, porque fundamenta-se na experiência e sua recepção tem origem no ser. Nesse ponto, a revelação é a manifestação simbólica<sup>27</sup> do fundamento de nosso ser ou daquilo que nos preocupa de maneira última. Ademais, a revelação envolve tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos em uma inseparável relação de interdependência. “Se nada acontece objetivamente, nada é revelado. Se ninguém recebe subjetivamente o que acontece, o evento deixa de revelar algo. A ocorrência objetiva e a recepção subjetiva pertencem ao evento total da revelação” (TILLICH, 2014, p. 124).

A fenomenologia crítica parte da analítica da experiência e do fundamento do ser em uma situação concreta do homem. Ao sustentar que a teologia não é possível sem a filosofia, Tillich desenvolveu sua própria ontologia, em que Deus é a resposta simbólica à questão subjacente no ser. Por conseguinte, a questão da existência (ontologia) é anterior à questão de Deus (teológica). Ao analisar as questões implícitas na existência, a teologia tillichiana fundamenta-se na filosofia enquanto ontologia. Na *Teologia Sistemática* (1951), sustentou que todo pensamento teológico deve iniciar com o ser, posto que a questão do ser é a questão última de uma situação existencial. Procurando reinterpretar a mensagem cristã para a situação moderna, o teólogo incorporou, na sua ontologia, a linguagem da fenomenologia hermenêutica. Considerando a impossibilidade de investigar o ser mediante a metafísica tradicional, a teologia tillichiana distinguiu quatro níveis ontológicos: a estrutura ontológica básica;

---

<sup>27</sup> Segundo Guilherme Carvalho (2007), o símbolo cristológico tornou-se critério de todo símbolo religioso no sistema tillichiano, reconhecendo em Jesus Cristo a revelação final do Novo Ser como o critério último de todos os símbolos religiosos. A razão é que, desde que em Jesus a alienação é vencida dentro das condições da finitude, temos nele o evento em que a relação entre o ser centrado e seu fundamento incondicionado está reconciliada (essência-existência). Com isso, o símbolo cristológico se torna o critério de todo o simbolismo teológico. A evidência decisiva da perfeição de Jesus e de seu valor universal como símbolo religioso é a sua crucificação, na qual a humanidade é negada em favor da atividade divina. Aqui, Tillich vê o modelo do verdadeiro símbolo, na medida em que ele nega a si mesmo sem perder a si mesmo. A morte e a ressurreição indicam a negação, pelo símbolo do Novo Ser, de sua própria ultimidade, negação esta que o torna transparente ao incondicionado. O elemento crítico que Tillich inseriu em sua fenomenologia implica que a veracidade de um símbolo corresponde à sua capacidade de autonegação, de renúncia à incondicionalidade (CARVALHO, 2007, p. 43 e 48).

os elementos que constituem a estrutura básica; as características do ser (condições da existência); e as categorias do ser e conhecer. Cumpre ressaltar que, nesses quatro níveis ontológicos, a maneira fenomenológica de analisar o ser foi preservada. O ser humano ocupa posição privilegiada em relação aos demais seres por ser o único que levanta a pergunta acerca do próprio ser (a pergunta ontológica).<sup>28</sup> A estrutura ontológica básica eu-mundo visa a compreender a relação do ser consigo mesmo (eu) e com as coisas (mundo). Por ser abertura e possibilidade, o existente humano é o único ser que busca a compreensão acerca de si mesmo. A interdependência da polaridade eu-mundo é a estrutura ontológica básica inseparável. “Se um dos lados da polaridade se perde, ambos os lados se perdem. O eu sem o mundo é vazio; o mundo sem o eu é morto” (TILLICH, 2014, p. 181).

Segundo Tillich, a epistemologia parte da analítica ontológica por observar que o pensamento começa pelo ser. Qualquer estrutura epistemológica do sujeito-objeto fundamenta-se na estrutura ontológica eu-mundo. A ontologia, enquanto questão fundamental de toda epistemologia da consciência, é o ponto de partida da fenomenologia. A epistemologia (o conhecimento do conhecer) faz parte da ontologia (o conhecimento do ser), porque toda afirmação epistemológica é implicitamente ontológica. Desse modo, a ontologia e a fenomenologia estão no fundamento do conhecimento que busca compreender o sentido originário do ser e o processo do conhecer. A estrutura eu-mundo, enquanto fundamento do ser, não deve ser entendida como “o fechamento do ser”, mas deve ser compreendida como “a abertura do ser”, pois os elementos da estrutura básica com suas polaridades constituem a estrutura básica e as possibilidades: individualização-participação, dinâmica-forma e liberdade-destino. Diante desse horizonte de possibilidades, o ser pode dar-se de diversas maneiras. A constante tensão entre o ser e o não ser, a infinitude e a finitude e a positividade e a negatividade demonstra a abertura do ser humano em suas possibilidades de existência. A consciência da própria finitude é uma peculiaridade do ser humano, que a todo instante experimenta antecipadamente o não ser. A relação paradoxal entre ser-não-ser, finitude-infinitude e angústia-coragem, levou o teólogo a

---

<sup>28</sup> “Característico, neste sentido, é o método de Heidegger em *Ser e Tempo*. Heidegger chama *Dasein* (‘estar aí’) o lugar onde a estrutura do ser se manifesta. Mas *Dasein* é dado ao ser humano no interior de si mesmo. O ser humano é capaz de dar uma resposta à questão ontológica porque experimenta direta e imediatamente a estrutura do ser e de seus elementos” (TILLICH, 2014, p. 178).



desenvolver a questão de Deus como uma resposta à questão implícita no ser<sup>29</sup>. A subjetividade produz símbolos com a finalidade de trazer uma unidade à polaridade e antinomia irresolúvel do espírito humano.<sup>30</sup> Essa complexa relação conduz a subjetividade à resposta simbólica que visa a trazer unidade ao que é irresolúvel. Portanto, encontramos na correlação entre o ser e o não ser a imagem de Deus como sentido último do ser humano. Deus é o conteúdo concreto de uma preocupação última, porque aponta para aquilo que é infinito e incondicional. Nesse ponto, a fenomenologia foi o principal método que auxiliou o teólogo em sua investigação das estruturas do ser, sendo fundamental para a ontologia tillichiana estadunidense (TILLICH, 2014).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurou-se sustentar em quatro momentos que a intuição fenomenológica tillichiana é um método consistente e interessante para as discussões epistemológicas no interior das Ciências da Religião e Teologia. Primeiramente, mostrou-se como a intuição fenomenológica de Tillich pode ser um método adequado na investigação do complexo fenômeno religioso. Depois, verificou-se a determinação tillichiana de religião e sua apropriação da teoria da intencionalidade husserliana na década de 1920. Consequentemente, foram apresentadas as razões que determinaram a preferência e a crítica do método fenomenológico para a análise da religião na filosofia da religião. Por fim, destacou-se a influência da fenomenologia-hermenêutica na proposta tillichiana de uma fenomenologia crítica em sua teologia sistemática. A maneira como o teólogo incorporou a fenomenologia pura e a fenomenologia hermenêutica em sua intuição fenomenológica ou fenomenologia crítica evidencia a grandeza e a originalidade do pensamento tillichiano. Portanto, elencamos cinco razões que evidenciam a abordagem fenomenológica tillichiana

---

<sup>29</sup> “Neste ponto, Tillich se afastou dos existencialistas denominados ‘ateus’ e postulou uma metafísica (filosofia primeira), partindo da exploração ontológica. A existência para os chamados existencialistas ‘ateus’ destina-se a ela mesma, pois o sentido da existência é dado pelo fim e nada mais. Entretanto, para Tillich a angústia ontológica da finitude nos permite entrar em contato com o infinito, com o ser eterno” (GOTO, 2004, p. 138).

<sup>30</sup> A teoria tillichiana do símbolo religioso se apoia na ideia de que o elemento concreto pode expressar e apontar analogamente o incondicional. Para o teólogo o símbolo é a única e necessária forma de representação do incondicionado ou autoconsciência. Sobre os fundamentos filosóficos idealista-neokantiano e fenomenológico que justificam a *Symboltheorie* de Tillich ver: ABREU, Fábio Henrique. **Símbolo como linguagem da religião: fundamento da teoria dos símbolos no âmbito da teoria da religião de Paul Tillich**, 2018.

como uma contribuição significativa aos estudos de religião: a consideração de diferentes epistemologias e metodologias na elaboração de sua própria intuição fenomenológica; a apropriação da teoria da intencionalidade na formulação de sua filosofia da religião e na análise do fenômeno religioso e experiência religiosa; a correlação entre a filosofia e a teologia em uma abordagem fenomenológica que atravessa as discussões sobre a estrutura da consciência e as questões existenciais; a distinção entre a proposta fenomenológica tillichiana, a fenomenologia filosófica e a fenomenologia da religião; e a possibilidade de combinar os elementos intuitivo-descritivo e crítico-existencial em uma fenomenologia crítica que abarca tanto os aspectos universais quanto os particulares. Ressaltamos que a intuição fenomenológica tillichiana é um método extremamente competente para investigar o fenômeno religioso e a experiência religiosa. Desse modo, oferece aos pesquisadores e estudiosos da religião a possibilidade de distinguir a “substância” da “forma” na manifestação do fenômeno religioso em uma situação existencial concreta.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Fábio Henrique. “Richtung auf das Unbedingte” and “Self-Transparency”: The Foundations of Paul Tillich’s Philosophy of Spirit, Meaning, and Religion (1919-1925). **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 16, n. 1 - Junho de 2017.

ABREU, Fábio Henrique. Símbolo como linguagem da religião: fundamento da teoria dos símbolos no âmbito da teoria da religião de Paul Tillich. In: TADA, Elton Sadao; SOUZA, Vitor Chaves (Org.). **Paul Tillich e a Linguagem da Religião**. Santo André: Kapenke, 2018.

BALEEIRO, Cleber Araújo Souto. **A fé como estado de preocupação última: interpretação da noção de risco da fé na obra de Paul Tillich**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião / Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2017.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus Cristo e Mitologia**. Tradução de Daniel Costa. 1ª edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

CALVANI, Carlos Eduardo. A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento – circunstâncias históricas e pessoais da formação de Tillich. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, 2016, p.165-188.

CARVALHO, G. **A interpretação da simbólica da queda em Paul Tillich: Um estudo em hermenêutica teológica**. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião / Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.

DANZ, C. Die Religion in der Kultur. Karl Barth und Paul Tillich über die Grundlagen einer Theologie der Kultur. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hrs.). **Paul Tillichs Theologie der**

**Kultur:** Aspekte, Probleme, Perspektiven. Berlin; Boston: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2011, p. 211-227.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões.** Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

GOTO, T. A. **O fenômeno religioso: Fenomenologia em Paul Tillich.** São Paulo: Paulus, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Phänomenologie des religiösen Lebens.** *Gesamtausgabe 60.* Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995a.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologie. Hermeneutik der Faktizität.** *Gesamtausgabe 63.* Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995b.

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho.** Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne A. Os métodos da filosofia da religião de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 20, 2011, p. 27- 41.

HUSSERL, E. **Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica.** Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

KELM, Thiago Rafael Englert. **Implicações da teoria da intencionalidade da consciência de Edmund Husserl para o desenvolvimento da teologia da cultura em Paul Tillich.** In: TADA, Elton Sadao; SOUZA, Vitor Chaves (Org.). **Paul Tillich e a Linguagem da Religião.** Santo André: Kapenke, 2018.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Fenomenologia da experiência religiosa.** In: CRUZ, Eduardo R. & MORI, Geraldo de. **Teologia e Ciências da religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 2011.

MUELLER, E. R. Entre a religião e seu conceito: Questões fundamentais da filosofia da religião em Paul Tillich nos anos 20. **Numen – Revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 9, n. 1, 2006.

TILLICH, P. **Dinâmica da Fé.** [1957] 6a ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

TILLICH, P. **Filosofía de la religión.** [1925] Buenos Aires: La Aurora, 1973.

TILLICH, P. **La dimensión perdida: Indigencia y esperanza de nuestro tiempo.** Bilbao: Desclée de Brouwer, 1970.

TILLICH, P. **Teologia da cultura.** São Paulo: Fonte editorial, 2009.

TILLICH, P. **Teologia Sistemática.** [1951] 6a ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014.

TILLICH, P. **No Limite.** São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

TILLICH, P. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX.** 2. ed. São Paulo: ASTE, 1999.